

RESENHA DE LIVROS

Montenegro, João Alfredo de Sousa (*)

Nos últimos anos o historiador cearense João Alfredo Montenegro tem contribuído muito para a regionalização dos estudos brasileiros: ele reage contra uma certa tendência de se generalizar em termos de 'Brasil grande' o que é resultado de estudos regionalizados. Ultimamente João Alfredo Montenegro trabalhou sobre figuras como Padre Mororó, Pinto Madeira, Fernandes Távora, Padre Ibiapina. Neste trabalho ele analisa Severino Sombra, Jeová Mota e Hélder Câmara. Essa última análise é particularmente importante pois Dom Hélder Câmara conseguiu uma projeção ampla no nível nacional e internacional. Mas o que diz a historiografia cearense? Ela tem algo a elucidar e contribuir para o conhecimento mais científico, não só nem principalmente de figuras eminentes, mas sobretudo de estruturas subjacentes e nem sempre fáceis de serem captadas?

Ao abordar o tema da relação entre catolicismo e integralismo, o historiador cearense não desconhece que ele 'luta' com um dos problemas cruciais do catolicismo nos últimos tempos, um problema de grande atualidade. Após a condenação oficial do 'modernismo' pelas autoridades da igreja católica nos anos 1910, a questão continua inquietando as consciências qual fogo de monturo que queima sob as brasas mas se alastra sempre mais. Escritores corajosos como Émile Poulat na França não cessam de alertar diante da atualidade do problema através de inúmeros escritos, apontando o perigo de uma resposta 'integralista' diante do desafio da modernidade. No seu estudo clássico 'Intégrisme et Catholicisme' (Casterman, Tournai, 1969), Poulat escreve que o 'maldito binômio' modernismo-integralismo acompanha a his-

(*) O INTEGRALISMO NO CEARÁ: VARIAÇÕES IDEOLÓGICAS. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

tória do catolicismo nos últimos cem anos. Oscila-se entre a abertura diante do mundo e o fechamento em nome do medo de se perder a 'identidade cristã'. Os últimos pontificados romanos, desde a época de Gregório XVI (1831-1848) até hoje — com exceção do pontífice e de João XXIII (1958-1963) —, são marcados por sentimentos de apreensão e desconfiança diante dos 'erros do mundo moderno'. O discurso do papa João XXIII na abertura dos trabalhos do Concílio Vaticano II é um dos grandes documentos contrastantes da igreja no século 20, pois é permeado de um espírito de abertura, otimismo e senso de diálogo diante da modernidade. O próprio Concílio Vaticano II deve ser analisado dentro do contexto maior dessa profunda mutação cultural dentro do catolicismo, mutação que de forma nenhuma está consolidado nos dias atuais.

João Alfredo Montenegro, num ritmo lento mas penetrante, faz basicamente a devassa de dois jornais cearenses dos anos '30: *O Nordeste*, da arquidiocese de Fortaleza (anos 1929, 1930, 1932, 1934), e *A Razão*, órgão da Ação Integralista Brasileira (AIB), seção Ceará (anos 1936, 1937, 1938). O intuito dele vai no sentido de uma análise mais científica do catolicismo no Ceará, e de sua aliança com o integralismo nos anos 30. Ele explicita que quer ir além de José Bonifácio de Sousa, autor de um 'Registro Biográfico Cearense' (obra inédita) que 'deliberadamente omitiu referências valiosas para a pesquisa histórica, (p. 29). Ao mesmo tempo Montenegro ultrapassa uma abundante literatura recente acerca do catolicismo que insiste nas mudanças mas não indica com clareza onde se situam essas mudanças, dentro do corpo social católico, o que — pela simples omissão — dá a entender que elas devam ser procuradas no interior da instituição eclesial-tica.

O valor básico desta publicação, em relação à religião católica, parece residir na seriedade com que o autor procede. O livro não evita a espinhosa questão da praxis de figuras destacadas do clero cearense 'na articulação da Ação Integralista Brasileira e de outros movimentos da direita no Ceará' (p. 28). Esse 'passado renegado' (p. 29) 'continuamente exorcizado' (p. 31) é analisado com base na releitura dos jornais da época e de outros documentos arquivais. No caso já aludido de Dom Hélder Câmara existe uma evidente contradição entre a imagem do Padre Hélder Câmara dos anos 1931-1937 no Ceará, fervoroso integralista que afirmara que 'os católicos podem sentir-se muito à vontade no integra-

lismo' (cit. p. 143) e que 'o nacionalismo orgânico das pátrias totalitárias é o sentido novo do século' (cit. p. 170) e a imagem de Dom Hélder co-fundador da CNBB e do CELAM, defensor das idéias do Concílio Vaticano II. Essa contradição pode ser superada de duas formas: afirmando que o bispo mudou, como faz José de Broucker, o autor francês que escreve sobre 'as conversões de um bispo', ou simplesmente demonstrando que há um fio condutor que perpassa as diversas posturas ideológicas, como faz João Alfredo Montenegro. Esse fio condutor deve ser procurado no princípio do corporativismo. A sociedade é vista a partir do princípio da corporação, já que a própria igreja institucional se apresenta concretamente como uma corporação clerical. Ora, para ela vale a lei que rege as corporações: tudo o que as fortalece deve ser apoiado e tudo que ameaça enfraquecê-las ou eliminá-las do jogo das forças sociais deve ser combatido. Esse princípio explica como a instituição católica, num determinado momento, encontra apoio nas forças contra-revolucionárias e em outro momento pode até apoiar forças de mudança social, esperando encontrar nelas a sua base de subsistência enquanto força social. Escreve Montenegro: 'O problema que acicatava a direita católica é apenas, entre nós, o de saber se o chamado rejuvenescimento católico, a recristianização da sociedade implicavam o domínio do estado pelas forças católicas' (p. 158). Entre as três forças atuantes, o liberalismo, o integralismo e o comunismo, a corporação católica elege o integralismo porque este defende 'a esfera sobrenatural' (p. 143), ou seja, o livre exercício da corporação eclesiástica.

É essa defesa do princípio do corporativismo eclesiástico que está na base da Carta Pastoral do então arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, que repercutiu fortemente em Fortaleza no ano de 1934 e exalta o fascismo e o nazismo em termos que não deixam sombra de dúvidas: 'Mussolini, na Itália, reformou sua pátria, pelo estado totalitário, tangendo harmoniosamente as correntes mais sensíveis de seu povo: a latinidade, indo até Rômulo e Remo, e a religião católica, cuja sede se acha em Roma. Hitler, o grande remodelador da Alemanha que salvou a sua pátria das garras do bolchevismo, criou o estado totalitário, apelando para o sentimento racial do arianismo e implantando a cruz suástica nas instituições públicas. Os resultados de sua atividade estupenda não só empolgam a Alemanha, mas todo o mundo... O estado integralista brasileiro deve ter por fundamental a lúdima brasilidade e catolicida-

de... Sem essa base histórica, ele será apenas uma tentativa. Se o novo estado brasileiro, tenha ele a forma integral ou não, quiser sobrepor-se a esses males e solucionar os problemas vitais da nação, deve ele, corajosamente, orientar-se pelo sistema espiritualista, ou seja, cristão.' (cit. p. 167-168).

O problema analisado por João Alfredo Montenegro com a competência e imparcialidade que se exigem de um historiador da atualidade — tarefa árdua entre todas — não pertence de forma alguma do mero passado do Ceará. A história recente continua demonstrando que os católicos, diante da progressiva desvalorização de suas tradições, podem ser arrastados com relativa facilidade por um discurso qualquer que pretende restaurar esses valores. O fenômeno da 'restauração' está em pleno vigor nos nossos dias e somos forçados a dizer, contemplando a história do século 20, que este ficou marcado e caracterizado por renovados movimentos integralistas ou fascistas e que nada nos permite afirmar que estes pertençam definitivamente ao passado.

O autor analisou um caso concreto que o corporativismo como princípio interpretante podia ter levado a nação brasileira ao abismo. Resta saber quais os mecanismos históricos capazes de superar esse corporativismo eclesialístico.